

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
SECRETARIA DA CULTURA, UNIBES CULTURAL E BRASKEM APRESENTAM

diálogos com a

GERAÇÃO Z

Ano 9 | #01 | 2018

O MEIO AMBIENTE E AS MELHORES PRÁTICAS



FRONTEIRAS
EDUCAÇÃO



UM CONVITE AO DIÁLOGO

O mundo está mudando. Seja pelas inovações tecnológicas, alterações climáticas, revoluções sociais ou pelo cenário político, os dias de hoje exigem de nós uma adaptação constante. E só há uma maneira de enfrentar isso: com conhecimento, troca de informação e diálogo.

Não é por acaso, portanto, que estamos cada vez mais cientes da magnitude das mudanças climáticas e dos riscos ao meio ambiente causados pela sociedade moderna. Os sintomas aparecem em todos os cantos e chegam até nossas casas todos os dias. Não há dúvidas de que precisamos encontrar uma solução com urgência. Mas como resolver sozinhos um problema tão grande?

A resposta é: nós podemos começar sozinhos, mas precisamos trabalhar juntos. Com amigos, colegas, vizinhos, familiares ou, por meio da internet, com pessoas do outro lado do mundo. É fato consumado que o aquecimento global não surgiu devido a um erro pontual, mas a uma série de equívocos coletivos. Assim, parece natural que uma solução venha da mesma forma. O objetivo deste fascículo é apresentar um conteúdo significativo que possa ajudá-lo a compreender e se engajar na questão ambiental. Ele também é um convite ao diálogo.

Por isso, leia-o, discuta o conteúdo com seus amigos, divulgue as informações que julgar relevantes. Acima de tudo, prepare-se para entrar em ação. A humanidade nunca enfrentou um problema dessas proporções, mas jamais tivemos ferramentas tão adequadas para desafiá-lo – basta nos planejarmos para utilizá-las da melhor forma possível.

produzindo o FUTURO

Trezentos anos atrás, o mundo era muito diferente. Ninguém tinha energia elétrica em casa, por exemplo, e iluminação era um luxo restrito a quem tivesse óleo de baleia para queimar em um lampião. Coisas que hoje consideramos imprescindíveis, como água tratada, geladeira, telefone ou colchões confortáveis, simplesmente não existiam. Viagens só podiam ser feitas a pé ou no lombo de um cavalo; nos casos mais extremos, a solução eram os barcos. Internet, então... nem em sonho. Em resumo, a vida era dureza.

Tudo começou a mudar com a Revolução Industrial, ocorrida a partir de 1760. Os antigos métodos artesanais e manuais de produção deram lugar a máquinas movidas a vapor, capazes de produzir muito mais e em muito menos tempo. Isso levou a um grande aumento de produtividade e tornou objetos cotidianos mais acessíveis à população. A criação de fábricas também estimulou os avanços tecnológicos, tornando a vida do cidadão médio muito mais prática.

Mas nem tudo foi benéfico. Se, por um lado, esses avanços possibilitaram uma vida melhor à população em geral, também é verdade que tiveram um impacto negativo sobre o meio ambiente e alguns aspectos da vida social. Em nome do conforto, a humanidade negligenciou os cuidados com a natureza e se tornou muito mais individualista. A efemeridade das relações, o consumo irresponsável e a ansiedade da vida atual são algumas das consequências indesejadas desse processo.

As coisas, no entanto, podem mudar, e cabe a nós discutir o futuro que desejamos. Uma vida cada vez mais individual e egoísta, ou uma sociedade coesa e sem violência? Uma devastação cada vez maior da natureza (e os problemas decorrentes disso), ou um mundo em que a humanidade saiba conviver em harmonia com o meio ambiente? Ainda temos tempo para construir o mundo que queremos. Nas próximas páginas, conheceremos muitas ideias que nos ajudarão nesse desafio.

quando o problema é a SOLUÇÃO

Conhecemos as dificuldades da vida moderna em uma cidade grande: poluição do ar, engarrafamentos, altos índices de ruído etc. Esses problemas não existiam antes da Revolução Industrial, mas também não contávamos com medicamentos, eletrodomésticos, alimentos e aparelhos eletrônicos que melhoram e prolongam nossas vidas. Voltar atrás, portanto, não é uma opção.

Curiosamente, a solução pode estar na própria origem desse impasse: os avanços tecnológicos podem nos auxiliar a criar energias limpas, veículos não poluentes e cidades mais eficientes. Nessa empreitada, a internet pode ser a nossa maior aliada: afinal, ela possibilita a comunicação diária entre pessoas que, 20 anos antes, talvez nem chegassem a se conhecer. Hoje, é possível descobrir uma boa ideia utilizada na Suécia, por exemplo, e aplicá-la em nossa cidade. As ferramentas estão à nossa disposição – basta utilizá-las com inteligência.

É importante ter sempre em mente que a humanidade não avança com um “piloto automático”. As coisas não melhoram naturalmente: como vimos, mesmo os avanços tecnológicos que melhoram nossa vida podem gerar problemas imensos. Por isso, devemos manter uma postura crítica e reflexiva diante das novidades, buscando a melhor maneira de utilizá-las em nosso cotidiano (e de corrigir seus pontos fracos). É como se cada tecnologia fosse um aplicativo de celular, e nós fôssemos os programadores responsáveis por observar seu funcionamento e criar as atualizações necessárias.



NA SUA CASA



Por falar em aplicativos, eles são um bom ponto de partida para mudar a vida nas cidades. Podemos até não perceber, mas, ao mandarmos uma mensagem no WhatsApp, estamos aproveitando “tempo morto” (aquele que passamos em uma parada de ônibus ou em uma sala de espera). Serviços de previsão do tempo também nos ajudam a nos programarmos, evitando surpresas desagradáveis. Já aplicativos de carona ou aluguel de bicicleta reduzem o número de carros nas ruas, diminuindo o impacto ambiental e tornando a cidade mais eficiente para todos.

De quantos mundos precisamos?

Entre as principais questões debatidas sobre o futuro da humanidade, a destruição da natureza talvez seja um dos tópicos mais recorrentes. Não poderia ser diferente: aquecimento global, elevação do nível dos oceanos, excesso de lixo e esgotamento de recursos são apenas algumas das terríveis consequências que enfrentaremos se não mudarmos nossa maneira de viver e consumir.

Conforme a população e o consumo aumentam, a exploração de recursos naturais utilizados para atender às necessidades do mundo cresce na mesma proporção. Alguns desses recursos são renováveis (ou seja, podemos continuar a produzi-los para sempre, contanto que tenhamos cuidados), como água, madeira, frutas etc. Outros como os derivados de petróleo e os minerais não são renováveis, e por isso devemos aplicá-los sempre com parcimônia, reutilizando-os quando for possível e, por fim, reciclando-os. Também já existem novas tecnologias que permitem a produção de plástico a partir de uma fonte renovável como, por exemplo, o Plástico Verde que é feito de cana de açúcar.

Para termos certeza de que não estamos ultrapassando os limites da Terra, precisamos saber a sua capacidade de repor recursos. Com esse intuito, foi criado o conceito de *biocapacidade*. A biocapacidade representa a condição de geração de recursos e absorção de lixo do planeta em um determinado período. Dessa forma, se empregarmos recursos e gerarmos resíduos em uma quantidade inferior à biocapacidade, saberemos que o planeta está se recuperando, e teremos um modo de vida sustentável (isto é, que pode continuar por um período ilimitado). Por outro lado, se ultrapassamos esse limite (como ocorre hoje), isso significa que estamos esgotando os recursos existentes e, caso o ritmo seja mantido, nosso modo de vida se tornará inviável mais para a frente. Portanto, garantir que nosso consumo anual se mantenha abaixo da biocapacidade é o grande desafio da humanidade para as próximas décadas.

PEGADA ecológica

Na vida cotidiana, a noção de “biocapacidade” é muito abstrata. Se já é difícil lembrar o que nós mesmos consumimos, o que dizer então de um planeta inteiro. Por isso, foi criado outro conceito, de dimensão individual, que nos ajuda a avaliar nosso próprio consumo de recursos naturais: a “pegada ecológica”, que tem esse nome porque representa o “rastros” que deixamos durante nossas vidas.

Em linhas gerais, a pegada avalia o impacto de nosso consumo sobre o planeta. Ela é medida em hectares, pois representa a área necessária para repor os recursos que utilizamos. Embora o conceito seja recente, a ideia é antiga: há muitos séculos, populações indígenas já sabem exatamente da área que precisam para garantir o sustento de seus indivíduos, e sempre tomaram cuidado para respeitar esse limite.

Recentemente, alguns serviços e produtos passaram a informar sua pegada ecológica. Companhias aéreas como a Etihad dos Emirados Árabes, por exemplo, oferecem ao passageiro o cálculo da quantidade de CO₂ emitido em uma viagem. Se a tendência continuar e todas as marcas aderirem a essa metodologia, ficará muito mais fácil de contabilizar o nosso impacto individual. Vários sites na internet ajudam a calcular a pegada ecológica a partir dos seus hábitos diários e de consumo.

NA SUA CASA



Há muitas maneiras de reduzir a nossa pegada ecológica. A mais eficiente é consumir menos e reutilizar produtos ao máximo. Por exemplo: se um sapato estraga, a pegada gerada por um conserto no sapateiro é imensamente menor que aquela gerada pela compra de um calçado novo. Aproveitar roupas em bom estado de um irmão ou amigo que não as utilizam mais é outra forma de evitar o grande impacto gerado pela produção de novas vestimentas, causado pelo uso de recursos naturais e de mão de obra muitas vezes subvalorizada. O mesmo vale para a compra de produtos: para o meio ambiente, os produtos de segunda mão (desde que estejam em boas condições, é claro) pesam menos que um produto novo.

Evitar o desperdício de água e luz também ajuda muito – assim como andar de ônibus ou bicicleta em vez de carro. Se todos cuidarem para manter sua pegada dentro dos limites, não ultrapassaremos a biocapacidade. Não é tão difícil – e, além disso, todas essas ações nos fazem economizar dinheiro!

METABOLISMO SOCIAL

Você já deve ter ouvido falar em “metabolismo” algumas vezes em sua vida. Na biologia e na medicina, ele é utilizado para se referir ao conjunto de transformações e processos químicos e físicos que ocorrem em nossas células (e nas de todos os seres vivos), resultando na produção de energia. O metabolismo possibilita nossa existência, pois dependemos desses fenômenos para pensar, manter a temperatura do corpo, movimentar-nos etc.

Da mesma forma, as sociedades também possuem um “metabolismo” – é o chamado metabolismo social, que engloba as movimentações de energias e materiais dentro de um agrupamento humano. Por exemplo: a extração de recursos minerais, o cultivo e o transporte de alimentos, a produção industrial, as interações entre dois ou mais indivíduos etc. Assim como ocorre em nosso corpo, o bom funcionamento do metabolismo social garante a sobrevivência de uma sociedade.

Diversas áreas do conhecimento se dedicam a estudar aspectos pontuais de um agrupamento social: a ciência política, a sociologia, a economia, a antropologia etc. A principal diferença dos estudiosos do “metabolismo social” está em sua visão mais geral e “biológica”, que analisa a movimentação dos recursos que retiramos da natureza desde o momento de extração até o seu descarte (em forma de lixo ou rejeito). Por isso, esses estudos são bastante úteis para traçarmos estratégias globais de preservação do meio ambiente.

Economia ecológica e solidária

Ao analisarmos o metabolismo social, fica mais fácil entender a relação entre ecologia e desigualdade. Assim, se uma sociedade extrai muito da natureza, mas poucas pessoas têm acesso aos bens de consumo produzidos com esses recursos, fica evidente que há um desequilíbrio. Em outras palavras, trata-se de uma sociedade desigual (como é o caso do Brasil). Da mesma forma, podemos comparar os diversos países e perceber que algumas nações extraem proporcionalmente mais recursos do planeta – recursos que poderiam servir a toda a humanidade.

Assim, percebemos que a questão ecológica também pode ser uma questão de solidariedade: além de preservar a natureza, devemos lutar para que todos tenham acesso ao que ela nos oferece. É essa a importância da economia solidária: aquela que, no lugar de estimular a concentração de renda, viabiliza uma vida digna para todos. Na economia solidária, evita-se a grande exploração visando ao lucro desenfreado – busca-se remunerar a todos os trabalhadores de forma justa, de modo a garantir a eles uma vida digna.

Talvez o melhor exemplo de conciliação entre ecologia e solidariedade sejam as feiras de pequenos produtores. Além de pequenas lavouras serem, no geral, mais ecológicas que as grandes plantações (pela diversidade de vegetais cultivados, que evita o empobrecimento do solo e reduz o consumo de agrotóxicos), o produtor recebe uma remuneração melhor do que quando vende a um grande distribuidor. Outro bom exemplo são as feiras de trocas, que estimulam o reaproveitamento de bens materiais e são igualmente vantajosas para todos os envolvidos.



NA SUA CASA



A chave para a economia solidária é priorizar a economia local, que gera empregos e renda em nosso próprio bairro ou cidade, em relação às grandes empresas. Ao venderem direto para o consumidor final, os produtores ganham mais. E os compradores também saem ganhando, pois a chance de essa renda ser reinvestida no próprio bairro é alta.

a leveza que PESA

Vivemos em uma época que prima pela leveza. Em um mundo onde a ansiedade e o nervosismo são cada vez mais comuns, as pessoas buscam conforto onde for possível. Mas que leveza é essa que tanto queremos? Muitas vezes, ela é confundida com uma visão egoísta, em que as pessoas desejam o prazer acima de tudo e deixam seus deveres de lado. Esse fenômeno surge como reação à ameaça da violência, às dificuldades financeiras, ao cansaço e a uma crise ideológica. Quando as perspectivas de longo prazo parecem não existir, tentamos ser felizes no dia de hoje, sem nos preocuparmos com o futuro.

À primeira vista, pode até parecer uma boa ideia. Mas há uma armadilha por trás disso: se todos vivermos assim, sem ligarmos para valores éticos ou responsabilidades, a vida em conjunto corre o risco de se tornar insuportável para todos. Sem atingir uma felicidade duradoura, acabaremos nos deparando com uma alegria passageira e prejudicando a nós mesmos e às pessoas ao nosso redor. Além disso, devemos entender que a vida é formada por momentos de felicidade, mas também de tristeza: se nos



obrigarmos a sermos alegres o tempo inteiro, a leveza acabará se transformando em um peso, gerando ainda mais ansiedade.

Claro que existem formas saudáveis de alcançar a serenidade. Um exemplo são as práticas e doutrinas como a ioga, o budismo e as terapias zen. Também é possível alcançar isso por meio de uma atividade física ou um *hobby*. As manifestações negativas, contudo, parecem mais comuns, sendo a mais frequente delas o consumismo desenfreado, que leva muitas pessoas a se endividarem em troca de uma alegria efêmera.

Gilles Lipovetsky, filósofo francês e conferencista do *Fronteiras do Pensamento* em 2017, vem pesquisando há muitos anos as relações entre o consumo e a busca pela leveza. Ele ressalta que não devemos demonizar o consumo em si, que pode ser algo positivo, pois nos permite viver melhor e por mais tempo. “Mas, ao mesmo tempo, o que é extremamente desagradável é quando o consumo se torna o fim, o ideal de vida”, ele afirma. “O consumo não é um ideal. O consumo pode ser um meio. Os homens não podem viver exclusivamente para o consumo”, resume.

felicidade compartilhada

Talvez a forma mais eficaz para atingir a felicidade duradoura seja viver em uma sociedade feliz. A alegria é contagiante – se estivermos cercados de pessoas bem-dispostas e com boas condições de vida, a chance de também sermos felizes é muito maior. E isso é muito mais fácil em uma comunidade pacífica e colaborativa, onde não temos medo de andar na rua e sabemos que, quando estivermos em apuros, receberemos auxílio até mesmo de pessoas desconhecidas.

Muitas pessoas vêm descobrindo isso na prática, conforme redes de solidariedade e iniciativas colaborativas vêm ganhando espaço nas metrópoles. De certa forma, é uma tentativa de resgatar nos grandes centros urbanos parte da tranquilidade das pequenas cidades ou dos tempos de antigamente, aproximando as pessoas. Em tempos de crise econômica, isso se torna ainda mais visível: são comuns as feiras beneficentes e os mutirões solidários para auxiliar famílias que passam por dificuldades. Além de ajudar aqueles que mais precisam, essas iniciativas tornam as comunidades mais coesas.

Ao mesmo tempo, proliferam aqueles que buscam para si uma vida mais simples e de um consumo mais consciente. Nas grandes cidades, alguns exemplos são os grupos que defendem o uso da bicicleta ou correntes alternativas de alimentação, evitando o desperdício e valorizando as frutas e as verduras da estação. São grupos que buscam tirar o máximo de experiências que para muitos de nós são atos irrefletidos, como comer e se deslocar. Assim, conseguem adequar seu consumo àquilo que acreditam, tornando seu dia a dia mais feliz e sua vida mais plena.



NA SUA CASA

Muitos estudos revelam que gastar tempo e dinheiro com experiências e não comprando objetos torna as pessoas mais felizes. O segredo da felicidade está na simplicidade – conversar com os amigos, ir a uma festa ou passear em



um parque costuma ser mais prazeroso do que ostentar bens de consumo. Amizades e lembranças podem durar a vida toda, enquanto a ostentação sai de moda em pouco tempo e não deixa nenhuma marca positiva.

Plantar e colher a diversidade

No Brasil, temos muitos casos bem-sucedidos de campanhas de preservação de espécies. Animais como o mico-leão-dourado e a ararinha-azul, que estiveram muito próximos de desaparecer, foram salvos graças ao apelo de ambientalistas e à mobilização da sociedade. Com o engajamento do público e a divulgação em meios de comunicação, mostramos ao mundo nossa capacidade de preservar o meio ambiente. Tanto é que, apesar das grandes dificuldades para salvar regiões selvagens como a Amazônia e o Pantanal, o Brasil é destaque na área de educação ambiental.



Contudo, a situação é muito mais complicada quando se trata de defender não apenas uma espécie, mas todo um ecossistema. Os casos citados acima são exemplos de regiões que vêm sofrendo pressão com o crescimento por vezes irresponsável do agronegócio. O mesmo acontece em diferentes locais do mundo: biomas (ou seja, o conjunto de seres vivos de uma área) extremamente ricos e diversificados são substituídos para o plantio de monoculturas (isso é, de grandes lavouras de uma única espécie cultivável), que esgotam o solo e, por ficarem mais expostas a doenças, requerem maior utilização de agrotóxicos, danosos à nossa saúde.

Recentemente, vêm ganhando espaço os movimentos ambientalistas e políticos que defendem o plantio e a produção de uma gama maior de alimentos (como a sintropia, por exemplo, que indica o plantio de hortaliças e frutas integrado a florestas, em um sistema chamado agroflorestal). O fato é que conhecemos milhares de vegetais comestíveis, mas a base de nossa alimentação se concentra em algumas dezenas de espécies. Por isso, muitos lutam pela diversificação das lavouras, o que permitiria um manejo melhor do solo e dos ecossistemas – e seria mais benéfico para a saúde dos consumidores.

Uma cultura mais humanizadora

Não é por acaso que um seletivo grupo de sementes é a base da alimentação de boa parte da população. Muitos anos atrás, quando a maioria da produção vinha de pequenas propriedades, a diversidade era muito maior. Conforme a produção agrícola se industrializou, contudo, predominaram os grãos e legumes mais facilmente manejáveis, que nem sempre são os melhores para a nossa saúde e a de nosso entorno.

A filósofa indiana Vandana Shiva, ativista ambiental e conferencista do *Fronteiras do Pensamento* em 2012, é uma intelectual que chama a atenção para a necessidade de combater essa tendência. Para ela, a desvalorização da diversidade é sintoma de uma cultura desumanizadora, que encara conhecimentos – e até mesmo grupos sociais – como descartáveis. “As monoculturas de soja que se espalham pela América Latina são desertos verdes sem diversidade que não atendem às necessidades locais”, argumenta. “Isso extermina a autonomia da natureza e das comunidades locais, tornando todos dependentes do poder de alguém.”

Shiva acredita que o modelo de monocultura não tem por objetivo produzir mais, e sim ampliar o controle sobre as comunidades em torno das plantações e retirando sua autonomia. Assim, a cultura local seria uniformizada da mesma forma que o plantio: com o tempo, todos abdicam de sua cultura e seus conhecimentos para viver da mesma maneira. Ela resume sua teoria: “Em vez de centenas de milhares de maneiras de se vestir, apenas calça *jeans* e camiseta. A humanidade pode se sair melhor do que isso”.



NA SUA CASA

Devemos valorizar a diversidade de costumes, de conhecimentos, de modos de cozinhar, vestir-se e se divertir. Uma boa ideia é perguntar aos nossos pais e avós como o mundo era antigamente e o que mudou desde então, para refletirmos sobre o que está desaparecendo e resgatar o que vale a pena. No âmbito da alimentação, é interessante pesquisar sobre as Plantas Alimentícias não Convencionais (PANCs), como dente-de-leão, capuchinha, hibisco e outras flores comestíveis, que são discutidas por grupos na internet e fazem parte da alimentação de milhões de pessoas no Brasil e no mundo.

Velhos paradigmas...

A segunda metade do século XX foi um período de transformações nas cidades do mundo todo. Nos países da Europa, devastados após a Segunda Guerra Mundial, grandes segmentos urbanos foram construídos de uma só vez. Isso nunca havia acontecido antes, pois as cidades cresciam de forma natural conforme a população aumentava, uma casinha por vez. Após a guerra, contudo, era urgente reconstruir cidades inteiras para abrigar a população que perdera suas casas.

Embora nosso país não tenha sofrido diretamente com as consequências dessa guerra, as cidades brasileiras também ganharam nova forma a partir dos anos 1950. Isso ocorreu devido ao êxodo rural, processo em que uma imensa parcela dos moradores do campo se mudou para as zonas urbanas em busca de trabalho e novas oportunidades. Com esse aumento repentino de população, tivemos que construir novos bairros – e até cidades inteiras – em ritmo acelerado.

Tanto na Europa quanto no Brasil, as cidades perderam muito em qualidade de vida durante esse processo. Muitos urbanistas – os profissionais que estudam e planejam as cidades – pesquisam o que deu errado para sugerir aprimoramentos, e dentre eles o arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl – conferencista do *Fronteiras do Pensamento* em 2016 – é um nome de destaque. Para ele, os principais problemas das cidades de hoje podem ser atribuídos a dois paradigmas que já se revelaram ultrapassados, mas continuam orientando o planejamento urbano.

O primeiro deles é a aversão às ruas: como as vias públicas eram vistas como locais tumultuados e repletos de perigos, passou-se a construir edifícios isolados, distantes uns dos outros, acessados apenas por aqueles que vão diretamente até eles. O segundo é a priorização dos carros, pois nas cidades modernas tudo é planejado de modo a garantir a melhor circulação dos carros, e o pedestre fica em segundo plano. Para Gehl, uma prova disso é a estrutura das prefeituras em todo o mundo: todas possuem departamentos de trânsito e dados sobre o tráfego nas vias, mas praticamente nenhuma se preocupa tanto com os pedestres.

...novos desafios.

Os problemas decorrentes dos Dois Velhos Paradigmas de Planejamento Urbano, como os chama Gehl, podem ser facilmente percebidos em nossas cidades. A aversão a vias públicas leva a uma preferência por espaços privados e fechados, como os condomínios e clubes. São locais muito confortáveis para aqueles que podem usufruir deles, mas que reduzem a qualidade de vida daqueles que não têm dinheiro para viver ou desfrutar de seu tempo de ócio nesses ambientes. Ocorre que essas grandes áreas cercadas tornam as regiões ao seu redor desertas e, portanto, mais perigosas.

Já o paradigma dos carros, além de gerar poluição e congestionamentos, estimula o surgimento de “não lugares”, trechos inteiros de bairros onde não há comércio ou pessoas circulando pela rua. Esses espaços ficam quase sempre à beira de rodovias de grande circulação de carros, desagradáveis para pedestres e barulhentas demais para quem mora por ali. Essas regiões acabam tomadas por terrenos baldios, depósitos de armazenagem, construções abandonadas etc. No geral, são lugares por onde ninguém quer passar, com altos índices de violência e bolsões de pobreza.

Na atualidade, o maior desafio para os administradores das grandes cidades para as próximas décadas é subverter esses paradigmas e fazer com que elas voltem a ser inclusivas para os pedestres, como eram quando não havia tantos carros circulando. O foco deve estar em melhorias no transporte público, na criação de zonas livres de veículos, na difusão de espaços públicos e em uma dimensão humana das construções. Se as ruas dedicarem mais espaço para os pedestres e as áreas de lazer forem compartilhadas por pessoas de diversos extratos sociais, teremos uma sociedade mais harmônica e coesa. Além disso, atos simples do nosso dia a dia, como pegar um ônibus para ir à escola, podem se tornar muito mais agradáveis se a parada for confortável, o ônibus for rápido e os trajetos a pé forem seguros. Tudo isso passa pelo planejamento urbano, muitas vezes negligenciado pelas administrações públicas, mas de impacto imenso sobre as nossas vidas.



CIDADES EM CRESCIMENTO

No ano de 1800, estima-se que apenas 4% da população dos Estados Unidos viviam em cidades. Hoje, esse número já ultrapassa os 80%. Não é um fato isolado: vemos a mesma coisa acontecendo no mundo todo, e em 2006 a quantidade de pessoas vivendo em áreas urbanas excedeu a população rural pela primeira vez na história. A tendência é que a diferença continue a aumentar: até 2050, espera-se que o índice chegue aos 75% – o que significa que o mesmo número de habitantes de São Paulo, a maior cidade da América do Sul, migre para as cidades a cada dois meses.

O que acontecerá com nossas cidades? Elas serão capazes de abrigar tanta gente? São essas perguntas que Geoffrey West, físico britânico e conferencista do *Fronteiras do Pensamento* em 2014, vem tentando responder nos últimos anos com suas pesquisas. Embora tenhamos o costume de associar o crescimento desenfreado com problemas de transporte, conforto e violência urbana (que de fato existem, como vimos nas páginas anteriores), ele ressalta que o aumento populacional também tem aspectos positivos. Por exemplo: quando uma cidade dobra de tamanho, diversos índices como a renda média, vagas em universidades e invenções aumentam em 15%. Ao mesmo tempo, os custos *per capita* para manter a cidade caem na mesma proporção (15%).

Opor-se ao crescimento urbano, portanto, não é a melhor estratégia para o século XXI. A chave está em descobrir maneiras de combater os danos da cidade para o meio ambiente (como a poluição e a emissão de gases causadores do **efeito estufa**) e seus problemas internos – como a desigualdade social, a falta de acesso a serviços básicos como segurança e saúde, a proliferação de favelas etc.

#Efeito estufa

processo natural que redireciona calor da atmosfera para a Terra. Embora fundamental para viabilizar a vida no planeta, passou a ser também um risco: é ele que, ao ser desequilibrado pela poluição, causa o aquecimento global.

NÓS SOMOS A MUDANÇA

As demandas surgidas com a explosão de crescimento nas grandes cidades nem sempre são atendidas. Buracos nas ruas, falta de remédios e limitações do transporte público são apenas alguns dos inúmeros exemplos. Por que eles não são resolvidos?

Em primeiro lugar, porque nem sempre são simples. Obras de infraestrutura, por exemplo, são caras e levam anos para serem concluídas. Mas Geoffrey West acredita que também devemos pôr mãos à obra para melhorar nossa cidade. Ele aponta que, muitas vezes, esperamos que o poder público resolva as coisas quando, historicamente, sabemos que o poder de mobilização popular é o responsável por muitas ações positivas. Afinal, uma cidade nada mais é do que a soma de todas as pessoas que vivem nela e das relações que estabelecem entre si.

Para exemplificar isso, ele menciona os parques. Quem tem poder para inaugurar ou pavimentar um parque é o prefeito da cidade, mas as trilhas que se formam naturalmente com a passagem dos pedestres é que acaba determinando os caminhos mais percorridos no local. Isso mostra que as cidades são organismos vivos, e cada um de nós tem o poder de agir sobre elas – ainda que não percebamos. Afinal, com os nossos passos, estamos ajudando a marcar essa trilha. Em uma cidade bem gestada, a administração parte desses indícios para descobrir o que é melhor para a população.

NA SUA RUA



Não basta nossa vontade para construir pontes ou pavimentar uma via, mas há muitos problemas menores que podemos resolver sem esperar pelo poder público. Afinal, somos nós os maiores interessados. Exemplos de pessoas que se mobilizam para melhorar sua comunidade estão em todos os cantos: creches comunitárias, brechós de roupas de bebês a preços módicos, operações tapa-buraco viabilizadas por uma vaquinha entre os moradores de uma determinada rua, mutirões de limpeza etc.

Já parou para pensar em como melhorar o lugar onde mora? Converse com seus amigos e vizinhos e pense no que é possível fazer. Muitas vezes, as soluções são mais simples do que imaginamos. E a capacidade do poder popular para resolver as questões mais complexas pode ser surpreendente.



CLIMA: UMA QUESTÃO ÉTICA

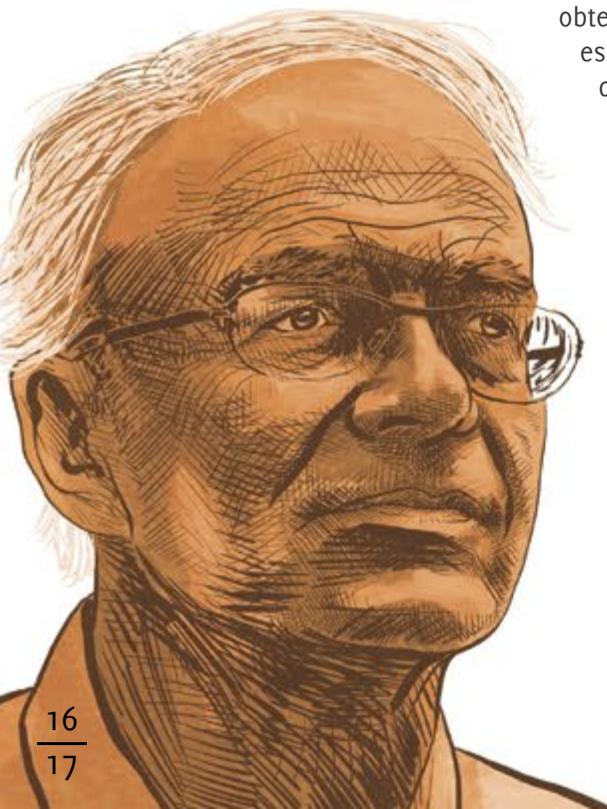


As mudanças climáticas não só ameaçam a sobrevivência de nossa espécie (como se fosse pouco!), como também representam uma questão ética. Para Peter Singer, filósofo australiano e conferencista do *Fronteiras do Pensamento* em 2013, é assim que devemos encará-la. Para chegar a essa conclusão, ele estudou as principais causas e consequências das transformações atuais e concluiu que os principais causadores desse fenômeno não são aqueles que mais sofrem com suas consequências.

Singer aponta que, há muitas décadas, existe um consenso entre a maioria dos cientistas sobre o que está acontecendo no planeta. A partir dos dados, podemos ver que, de um lado, temos a queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão etc.) para obtenção de energia como fator predominante na emissão de gases do efeito estufa. Do outro, o desregulamento dos ciclos de chuva, a elevação do nível do mar e o aumento das temperaturas se apresentam como os principais problemas decorrentes da alta concentração desses gases na atmosfera.

O que Singer percebeu é que as nações que mais queimam os combustíveis fósseis (as economias ricas, que utilizam essa energia em suas indústrias) não são as que mais sofrem em decorrência disso. Na verdade, ocorre o contrário: as populações mais pobres, situadas em regiões subdesenvolvidas, são as mais prejudicadas. Na África subsaariana, por exemplo, milhões de pessoas sofrem com a falta de alimentos devido à ausência de chuvas (o que, em países ricos, poderia ser solucionado com dutos de irrigação). Já em Bangladesh, país asiático, a produção agrícola se concentra em altitudes muito baixas, junto aos rios – lugares que correm o risco de desaparecer se a elevação do mar seguir no ritmo atual.

Por isso, os países mais ricos devem buscar formas de auxiliar as nações que vêm sofrendo com essas tragédias. Caso contrário, corre-se o risco de aumentar ainda mais o número de refugiados climáticos – pessoas que se veem obrigadas a mudar de país devido às transformações do clima. É uma questão ética, política e também de solidariedade.



VALORIZANDO A ALIMENTAÇÃO

Muitos não sabem, mas a produção de alimentos também contribui muito para a emissão de gases do efeito estufa e, portanto, para as mudanças climáticas. Isso ocorre sobretudo com a derrubada de florestas para ampliar as plantações e com a criação de animais (como as vacas) que liberam grandes quantidades de metano na atmosfera – um gás altamente poluente.

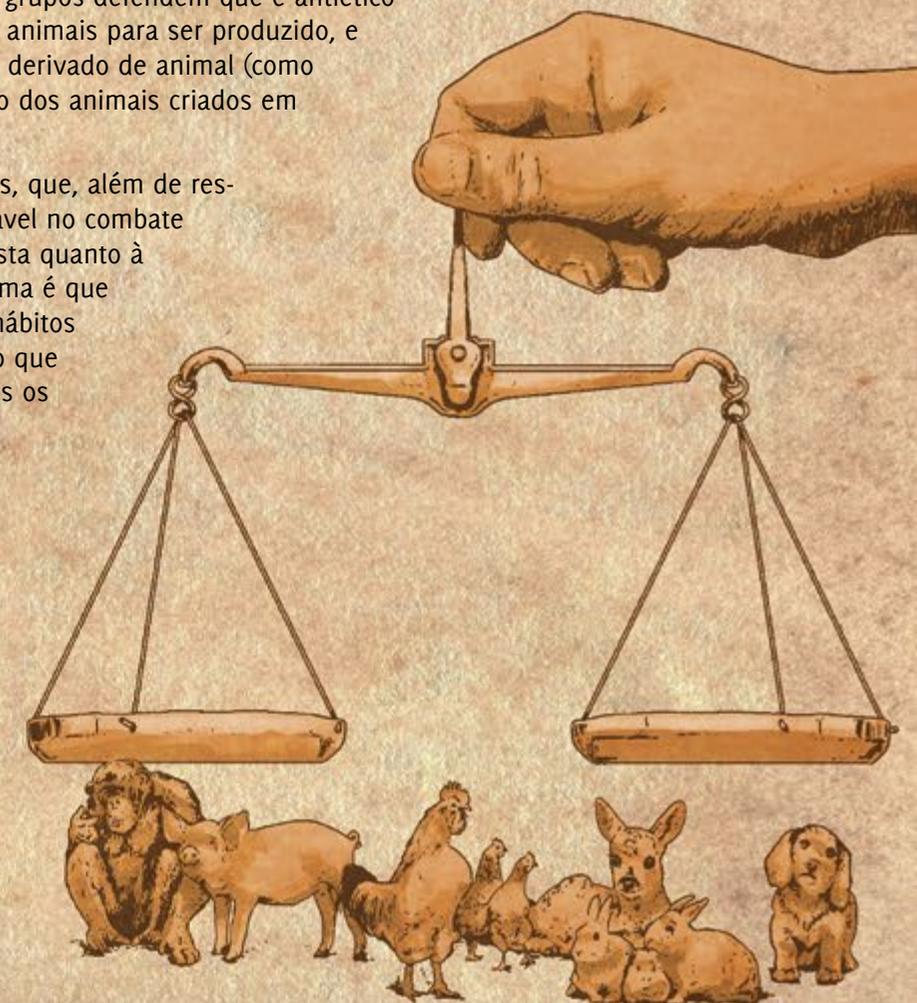
Claro que deixar de comer não é uma opção. Contudo, há formas de tornar a nossa alimentação mais ética e reduzir à mesa nossa pegada ecológica. Isso envolve não consumir animais ameaçados de extinção (como a baleia, consumida em alguns países do norte da Europa, e determinados tipos de lagosta), mas também reduzir o consumo de alimentos mais comuns, como as carnes de gado e de porco.

A carne é um exemplo de especial importância, pois a questão ética envolvida na criação de animais para o abate é muito complexa. Diversos grupos defendem que é antiético consumir qualquer produto que implique a morte de animais para ser produzido, e outros, os veganos, não consomem nenhum produto derivado de animal (como leite, queijo ou ovos) porque se opõem ao sofrimento dos animais criados em cativeiro.

Peter Singer ressalta para a importância dessas ações, que, além de respeitarem outras espécies, têm um impacto considerável no combate às mudanças climáticas. Contudo, não é muito otimista quanto à disseminação dessas práticas. Segundo diz, o problema é que as pessoas têm muita dificuldade para mudar seus hábitos diários. De qualquer forma, é importante sabermos o que está por trás de um simples churrasco e valorizarmos os alimentos que consumimos.

NA SUA CASA

Não é preciso parar de comer carne para ter um consumo mais ético. O cuidado para não desperdiçar alimentos já é um ato de grande importância. Também ajuda a evitar bens supérfluos que envolvam a morte ou testes em animais (como produtos de beleza, roupas etc.). Cabe lembrar que essa postura não se aplica somente aos animais: preferir alimentos fornecidos por empresas que valorizam seus trabalhadores e oferecem boas condições aos seus empregados também é uma questão ética.



NATUREZA: O NOSSO MAIOR INVESTIMENTO

Imagine que pegássemos todos os bens de nossa família – casa, carro ou moto, celulares, poupanças, móveis –, vendêssemos tudo e depositássemos o dinheiro no banco. Todos os meses, a soma total do investimento aumentaria por causa dos juros. Se a família possuísse bens suficientes para ganhar juros altos, seria possível viver apenas desse rendimento para sempre. Por outro lado, se gastasse mais do que os juros, o fundo diminuiria um pouco a cada mês e, dentro de alguns anos, a família acabaria sem nada.

Jean-Michel Cousteau, cientista e explorador conferencista do *Fronteiras do Pensamento* em 2010, acredita que estamos fazendo exatamente isso com a natureza. Para o francês, “é importante entendermos que a natureza é o nosso capital, e é preciso administrá-lo como se fosse um negócio, uma operação”. Ele ressalta que “viver somente dos juros” desse capital é extremamente difícil, pois a população mundial aumenta em 100 milhões (a metade da população do Brasil) a cada ano.

Mas como podemos proteger esse investimento, do qual dependem nossas vidas? A resposta é a mesma do exemplo da família: não gastar mais do que os juros produzem. Ou seja, consumir menos recursos do que a natureza é capaz de gerar e respeitar a biocapacidade do planeta. Além disso, devemos conservar os bens que integram esse investimento, como as águas, as florestas, a vida selvagem etc.

Para garantir a durabilidade do investimento, devemos economizar até mesmo os fundos que desconhecemos, como a imensa diversidade de vida marinha. Esta, aliás, é uma das principais preocupações de Cousteau. Assim como seu pai, outro famoso explorador marinho chamado Jacques Cousteau, ele dedica a vida a filmar e divulgar imagens do oceano, ressaltando a importância dos mares para os seres de terra firme. E a situação não é das melhores: nas últimas décadas, os ecossistemas aquáticos vêm sofrendo muito com o impacto humano. Mesmo assim, ele se mostra otimista com o futuro deste que é o nosso maior “investimento”, a natureza: “se soubermos viver apenas dos juros produzidos, ainda poderemos sobreviver por muito tempo”.

CONHECER PARA PROTEGER

Costumamos cuidar mais daquilo que está perto de nós e faz parte do nosso cotidiano – é muito mais fácil se preocupar com um problema em nossa rua do que com outro em um país a milhares de quilômetros de distância. Por isso, os principais ativistas do mar vêm unindo esforços para tornar o fundo do oceano mais conhecido.

A norte-americana Sylvia Earle é um nome de destaque nessa luta. Bióloga marinha e uma das cientistas de maior renome internacional, a conferencista do *Fronteiras do Pensamento* em 2011 acredita que cuidaríamos muito melhor dos oceanos se o acesso a ele não fosse tão difícil. “Se eu pudesse ao menos inspirar as pessoas a verem por conta própria, a olhar nos olhos de um sapo na floresta tropical, mergulhar no oceano e ser inspecionado por um peixe, ir à Antártida, todos entenderiam por que preservar o meio ambiente é realmente importante”, resume.

Em seus livros e documentários, Sylvia apresenta a vida dos oceanos e sua importância para os seres de terra firme. Ao contrário do que muitos acreditam, o mar é a principal fonte de oxigênio do planeta devido à fotossíntese de algas microscópicas. Além disso, ele regula a química planetária, retraindo gases do efeito estufa nas profundezas e fornecendo água doce para todo o planeta por meio da chuva. Sem o mar, não teríamos nem água para beber ou ar para respirar. Já passou da hora de darmos a ele o cuidado que merece.

NA SUA CASA



Jean-Michel Cousteau costuma dizer que o oceano está dentro de cada copo d'água que bebemos. Toda a água do mundo está interligada, e por isso o primeiro passo é cuidar para não poluir os riachos perto de nossas casas.

Quando estamos na praia, pequenos gestos como recolher lixo que encontramos na areia ajudam a salvar a vida de muitos espécimes que vivem no mar. Sylvia Earle ressalta ainda a importância de não consumir frutos do mar de espécies ameaçadas ou vítimas de pesca predatória – uma prática que dizima ecossistemas inteiros.

o valor do LIXO

Vivemos em uma sociedade que estimula o consumo o tempo todo. Desde o momento em que acordamos, somos bombardeados por anúncios publicitários na internet, na televisão, no ônibus, nas ruas... Muitas vezes, nem percebemos o quanto a propaganda faz parte de nossas vidas, porque acabamos anestesiados em meio a tanta informação. Essa onipresença da publicidade sempre exalta o novo, e isso acaba se impregnando à nossa maneira de pensar. Por isso, é comum que objetos gastos nos desagradem, mesmo que ainda estejam em boas condições. Somos condicionados a achar as coisas novas como mais interessantes, e isso nos induz a comprar mais, inclusive coisas de que não precisamos.

Além de seu preço em reais, essas compras supérfluas geram um custo invisível para muitos de nós. É o custo material que pode ser visto nos aterros sanitários, depósitos e lixões, situados a uma grande distância dos centros das cidades. Nesses locais, acumulam-se imensas quantidades de resíduos e rejeitos que são o “preço ecológico” que o planeta paga com o nosso consumo.

O lixo, no entanto, também tem o seu valor, e talvez ninguém o conheça melhor que os catadores ou recicladores – profissionais que, embora pouquíssimo valorizados, desempenham um papel muito importante em nossa sociedade. Além de sustentarem suas famílias com um trabalho duro e mal remunerado, realizado em condições de saúde extremamente precárias, eles ajudam a reduzir os danos ambientais causados por nossos rejeitos.

Com a reciclagem deste lixo, os catadores fazem com que produtos novos sejam mais baratos (muito embora a maioria dos consumidores sequer possa imaginar que parte do material utilizado em seus objetos novos e reluzentes veio do lixo). Por enfrentarem todos os dias a sujeira, o mau cheiro e o risco de doenças para garantir sua renda de forma honesta, essas pessoas merecem todo o respeito, e os seus esforços para conquistar condições mais dignas de trabalho devem ser apoiados pela sociedade.

a arte que jogamos fora

No início de sua vida profissional, o artista visual brasileiro Vik Muniz, conferencista do *Fronteiras do Pensamento* em 2018, realizava tarefas de manutenção em um supermercado, como organizar carrinhos de compra deixados pelo caminho. De todas suas incumbências, a que considerava a pior de todas era limpar as lixeiras onde eram depositados os restos de carne do açougue.

Durante muitos anos, a lembrança do mau cheiro daqueles resíduos o acompanhou. Foi por isso que muitos anos mais tarde, quando já havia se tornado um artista de renome internacional, Muniz teve a ideia de trabalhar com o lixo (uma saga retratada no documentário *Lixo Extraordinário*). Entre 2007 e 2009, ele trabalhou junto com catadores do Jardim Gramacho, aterro sanitário localizado em uma das zonas mais pobres do Rio de Janeiro, para criar grandes imagens utilizando o lixo. Em seguida, Muniz fotografou essas imagens, que passaram a compor exposições de arte mostradas no mundo todo.

No trabalho desse artista, os materiais utilizados comunicam tanto quanto as imagens mostradas. O mais interessante é que, em um primeiro momento, o espectador não percebe que as obras são feitas de resíduos. Isso desperta uma reflexão interessante: o que mais seria possível fazer com as coisas que jogamos fora todos os dias? Na obra de Muniz, vale a antiga máxima: o lixo de uns pode ser o tesouro dos outros.

NA SUA CASA



Muitas coisas que colocamos no lixo podem ganhar uma nova vida: garrafas pet podem virar vasos de flor, latas podem servir como potes, cascas de frutas e legumes podem virar adubo etc. Já nos casos em que o descarte não tem mais nenhuma utilidade para nós, o fundamental é separar o lixo, deixando orgânico de um lado e reciclável de outro. Não se trata de mero capricho: além de ajudar a aumentar o volume reciclável, isso torna a vida dos catadores muito mais fácil. Afinal, eles buscam apenas materiais recicláveis, enquanto as principais doenças transmitidas por resíduos se encontram nos resíduos orgânicos (aqueles que apodrecem). O lixo orgânico também pode receber outra destinação: se você mora em uma casa, pode ser interessante adubar a terra de seus vasilhos no quintal.

A NAVE TERRA

Uma nave espacial: esta é a imagem que o alemão [Peter Sloterdijk](#) evoca ao falar de nosso planeta. Esse modo de encarar as coisas tem origem em 1969, quando [Richard Fuller](#) publicou um livro chamado *Manual e instruções para a Nave Espacial Terra*. Sloterdijk explica que o autor imaginara um futuro em que nosso planeta seria visto como uma imensa e única construção, uma espécie de obra de arte. “A Terra não seria mais uma base, mas um veículo”, aponta.

O problema, indicado no próprio título do livro de Fuller, é que a Nave Terra não veio com um manual de instruções. Por isso, ao longo de milhares de anos, a humanidade não teve consciência plena das consequências dos seus atos no longo prazo. Como a emissão de poluentes e a intervenção sobre a natureza não eram tão grandes até o século XX, isso não era tão fácil de perceber. Mas, ao longo do tempo, a “nave” passou a apresentar sinais de desgaste.

Seguindo na comparação de nosso planeta com um veículo, não é tão difícil de entender o porquê. Imagine que você tem um carro com o qual não toma muito cuidado. Jamais faz reparos, e os pequenos problemas vão se somando. Se um pneu está murcho, você não vai a um posto de gasolina resolver isso – mesmo sabendo que o desgaste será muito maior. Quando o motor superaquece, você não leva no mecânico, pois precisa utilizá-lo todos os dias.

De certa forma, é assim que a humanidade vinha tratando a Terra até os dias de hoje. Sloterdijk afirma que “a população precisa se interessar mais pela manutenção das relações, das situações de vida dentro desse veículo”. A Nave Terra demonstra sinais de desgaste, e não temos como trocá-la por um modelo novo; não existe um modelo novo. Por isso, devemos exigir menos de seu motor, investir mais tempo e cuidado na sua manutenção e demonstrar um maior zelo ao utilizá-la. Assim, poderemos garantir uma viagem longa e prazerosa para todos os seus ocupantes.

#Peter Sloterdijk (1947)

Filósofo alemão, considerado um dos renovadores de sua área na contemporaneidade. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2016.

#Richard Fuller (1895-1983)

Designer, arquiteto, escritor e inventor norte-americano.

CULTURA e NATUREZA

Para os estudiosos da [antropologia](#), “cultura” tem um significado um pouco diferente daquele ao qual estamos acostumados: cultura é tudo aquilo que não faz parte da natureza. Ou as coisas foram feitas pelo homem, e portanto fazem parte da cultura, ou existem independentemente dele, integrando a natureza. Mas a cultura não são apenas os objetos criados pela humanidade: são também as nossas relações, nossas maneiras de pensar, nossas tradições etc.

Saber disso é importante para entendermos o que Peter Sloterdijk quer dizer quando afirma que o homem “falhou como animal”: nós somos a única espécie que se afastou da natureza e criou uma vida distante dela, como se quiséssemos nos tornar independentes.

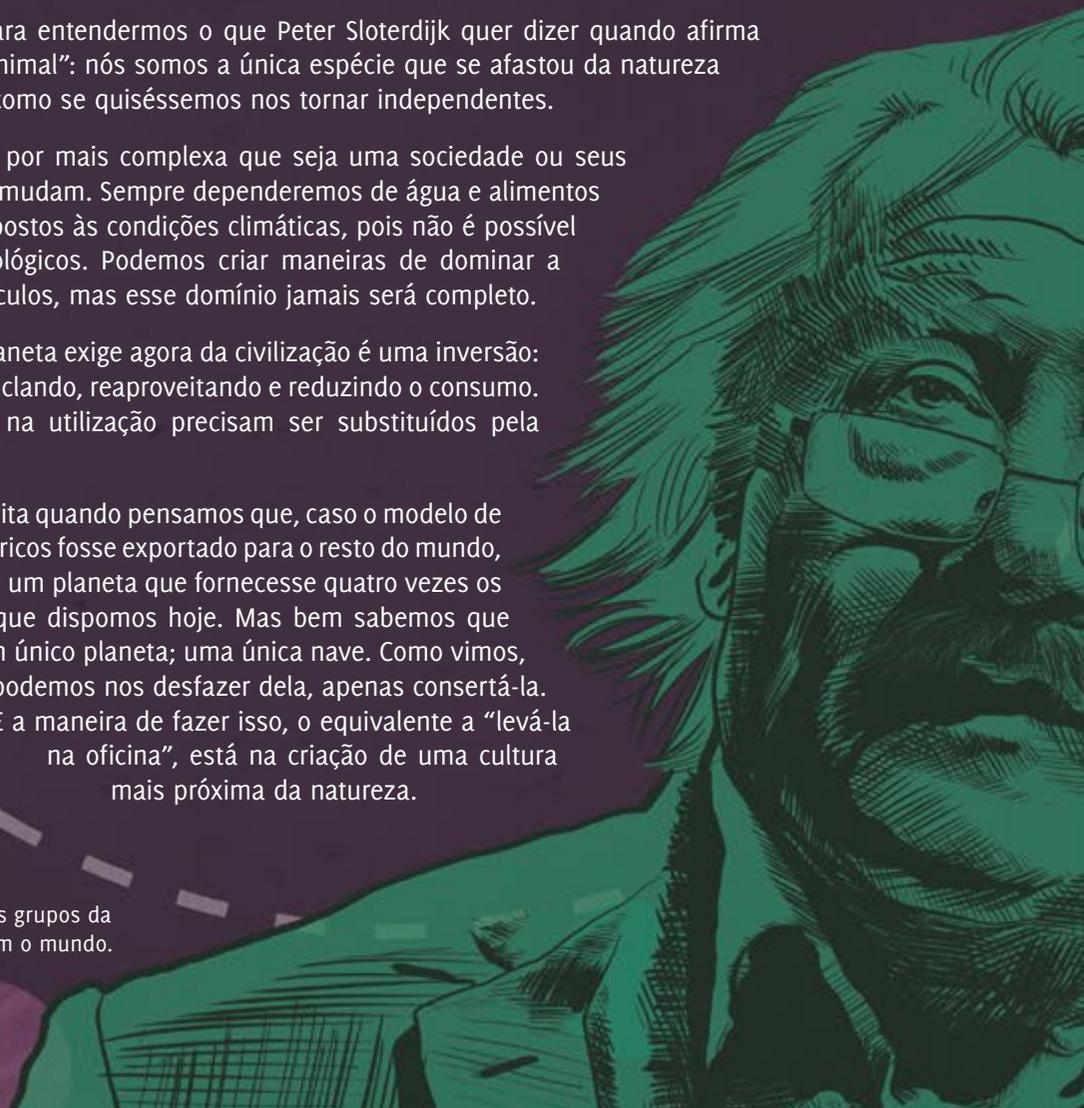
Mas esse afastamento tem limites: por mais complexa que seja uma sociedade ou seus centros urbanos, há coisas que nunca mudam. Sempre dependeremos de água e alimentos para sobreviver e sempre estaremos expostos às condições climáticas, pois não é possível controlar os grandes fenômenos meteorológicos. Podemos criar maneiras de dominar a natureza, como fizemos ao longo dos séculos, mas esse domínio jamais será completo.

Assim, Sloterdijk argumenta que o planeta exige agora da civilização é uma inversão: devemos buscar a moderação, reciclando, reaproveitando e reduzindo o consumo. Os excessos na exploração e na utilização precisam ser substituídos pela parcimônia.

A causa disso fica explícita quando pensamos que, caso o modelo de consumo dos países ricos fosse exportado para o resto do mundo, precisaríamos de um planeta que fornecesse quatro vezes os recursos de que dispomos hoje. Mas bem sabemos que temos um único planeta; uma única nave. Como vimos, não podemos nos desfazer dela, apenas consertá-la. E a maneira de fazer isso, o equivalente a “levá-la na oficina”, está na criação de uma cultura mais próxima da natureza.

#antropologia

Ciência que estuda os diferentes grupos da humanidade e suas relações com o mundo.



OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

De tempos em tempos, representantes de praticamente todos os países do mundo se reúnem em eventos da Organização das Nações Unidas (ONU) para traçar objetivos para o futuro da humanidade. Dentre essas reuniões, algumas são dedicadas exclusivamente a questões ambientais. Foi o caso, por exemplo, da Eco92 (ou Cúpula da Terra) e da Rio+20, ambas sediadas no Rio de Janeiro e contando com representantes de mais de uma centena de nações ao redor do mundo.

Em 2015, foi realizado o mais recente desses eventos, a Cúpula do Desenvolvimento Sustentável. Mas há uma novidade: hoje, entende-se que a preservação do meio ambiente deve estar vinculada ao desenvolvimento humano. Por isso, os participantes concordaram em estabelecer metas para, nas palavras da própria ONU, “acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar para todos, proteger o meio ambiente e enfrentar as mudanças climáticas”. É um objetivo ambicioso, e para auxiliar nessa caminhada foram criados os novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ou ODS (que você pode conferir nas laterais desta página).

Os ODS são uma atualização dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, estabelecidos em 2000. Tratava-se de um conjunto de medidas com o intuito de erradicar a pobreza extrema no mundo até 2015. A meta não foi plenamente atingida, mas houve resultados concretos: a mortalidade infantil e a pobreza foram reduzidas, o acesso a água potável cresceu e o combate a doenças como a AIDS e a malária foi aprimorado. Por isso, os membros da ONU concluíram que, ainda que não sirva para resolver de todo os grandes problemas atuais, a estipulação de metas é uma ferramenta que ajuda nessa jornada.



AGENDA 2030

Agora, as atenções estão voltadas para 2030: os Estados-membros da ONU estão trabalhando para erradicar a pobreza antes dessa data. A principal diferença em relação ao plano de metas anterior está no respeito à natureza: como as mudanças climáticas ameaçam prejudicar cada vez mais populações de baixa renda (conforme vimos em páginas anteriores), o aumento de bem-estar deve ocorrer sem prejudicar o meio ambiente. Por isso, a criação de cidades sustentáveis, a conservação do mar e o combate ao aquecimento global, dentre outros, foram incluídos na lista de objetivos.

A justiça social também integra a Agenda 2030 (ou pós-2015, como também é chamada). Dentre suas metas estão a igualdade de gênero (que reivindica equiparação de direitos entre mulheres e homens, homossexuais, heterossexuais, bissexuais, transexuais etc.), o fortalecimento e o aprimoramento das instituições (como a justiça, a polícia e a própria política), a criação de empregos dignos, o acesso à saúde e a erradicação da fome. Sem dúvidas, é um imenso desafio: se fosse fácil, já teria sido feito há muito tempo. No entanto, com a participação e o engajamento de cidadãos do mundo todo, podemos chegar lá.

O que você pode fazer para ajudar o mundo a alcançar essas metas? Talvez você já tenha ouvido falar na estratégia “Pense globalmente, aja localmente” – ou seja, pensar nos grandes problemas do mundo para agir em nossa cidade, nosso bairro, nossa rua. É esse o segredo. Não precisamos resolver todos os problemas do mundo: se nos mobilizarmos para corrigir alguns deles, já fará toda a diferença. Separe tempo para pensar sobre os ODS e o que pode ser feito para atingi-los em sua comunidade. Converse com seus amigos, vizinhos, professores e familiares, trace um plano de ação e... mãos à obra!

Para ler o texto da Agenda 2030 na íntegra, acesse <https://nacoesunidas.org/pos2015/>



DE ONDE VIEMOS

Ao longo deste fascículo, vimos como o desenvolvimento da humanidade afetou e afeta o meio ambiente. Aprendemos que a queima de madeira e carvão viabilizaram uma revolução para o bem-estar da população, abastecendo casas e fábricas com luz elétrica e abrindo portas para um novo mundo. A mudança foi tão profunda que é difícil imaginar como era a vida antes dela.

Por outro lado, vimos que esses avanços tiveram um custo. Hoje, problemas como poluição, excesso de lixo e concentração de gases causadores do efeito estufa na atmosfera ameaçam a própria sobrevivência de nossa espécie. Estamos diante de uma nova encruzilhada: ou encontramos uma maneira de viver em harmonia com o meio ambiente enquanto é tempo, ou nossa espécie definhará.

Mas temos razões para sermos otimistas. Talvez a maior prova disso seja a China, atualmente o país mais populoso do mundo, com cerca de 1,2 bilhão de habitantes, e a segunda maior economia do globo (atrás apenas dos Estados Unidos, que deve ultrapassar dentro de alguns anos). Durante décadas, a China queimou milhões de toneladas de carvão e liberou imensas quantias de poluentes no ar para garantir o crescimento explosivo de sua economia. Hoje, contudo, o país demonstra uma nova postura, e vem se tornando uma das lideranças internacionais em termos de tecnologias limpas. Ao que tudo indica, há um grande comprometimento do governo chinês para reduzir a emissão de poluentes e reverter os efeitos do aquecimento global.

Claro que também há exemplos negativos, como o retrocesso observado nos Estados Unidos com a chegada do presidente Donald Trump ao poder. Contrariando o consenso entre cientistas do mundo todo, o líder norte-americano insiste em dizer que o aquecimento global é uma mentira – postura muito conveniente, visto que os EUA são um dos maiores emissores de gases do efeito estufa no mundo.

Mas mesmo em seu país o governo de Trump vem encontrando resistência quando o assunto é meio ambiente – sinal de que não faltam instituições e mobilização para preservar a natureza.

PARA ONDE VAMOS

No combate às alterações climáticas, temos três grandes aliados. O primeiro é a conscientização: quanto mais pessoas souberem e compreenderem o desafio à nossa frente, maior a chance de sucesso. Precisamos debater o assunto, repassar informações e qualificar o debate. Há muitos dados e notícias falsas em circulação, de modo que transmitir os dados verdadeiros é uma tarefa que cabe a todos nós.

O segundo é o engajamento. Afinal, é impossível resolver um problema apenas sabendo que ele existe. As informações são imprescindíveis para criarmos estratégias, mas, se não colocarmos essas estratégias em prática, nada irá mudar. Precisamos agir, seja em nosso cotidiano (reduzindo e reciclando o lixo que geramos, repensando o consumo).

Por fim, temos a tecnologia. Curiosamente, foram justamente os avanços tecnológicos que desencadearam as transformações climáticas. Contudo, esses avanços também tiveram muitos impactos positivos sobre nossas vidas, e hoje nos oferecem alternativas para reparar nossos equívocos e frear o aquecimento global. O Brasil é um exemplo internacional nessa área: somos craques na geração de energia limpa, seja através de energia solar (com placas geradoras que transformam o calor do sol em energia elétrica), de geradores eólicos (aqueles imensos cata-ventos que vemos ao viajar para a praia) ou do biodiesel (combustível renovável criado a partir do lixo orgânico).

Em todas as situações, esses três fatores devem ser somados à imaginação. A criatividade, a pesquisa e a inovação são a chave para um mundo melhor. Não é possível criar um mundo novo com velhas ideias: precisamos abordar os problemas de outra maneira e viver de forma diferente do que se viveu até hoje. A geração de jovens da qual você faz parte terá um papel crucial na criação deste novo mundo, onde as pessoas e o meio ambiente possam viver em harmonia. E aí, que tal tornar-se protagonista dessa mudança?

Você, que faz parte da “Geração Z”, é sujeito e protagonista do mundo no século XXI, com amplo acesso a todos os caminhos da informação. Com a internet e os meios digitais, os relacionamentos, o conhecimento e a educação ganharam um novo cenário. Isso potencializa as oportunidades para que você aprenda e aja para melhorar o mundo, do seu ambiente familiar à nação, do seu bairro ao globo conectado.

Nossas escolhas e nossas atitudes determinam mudanças ou melhorias nas condições ambientais e sociais do planeta, pois desempenhamos um papel enquanto indivíduos e consumidores. Nesse sentido, existe um conjunto de melhores práticas que pode (e deve) ser amplamente difundido. Em tempos de inovação tecnológica, descarte de lixo e alto consumo, precisamos incentivar e praticar iniciativas que produzam um impacto positivo.

APRESENTAÇÃO



REALIZAÇÃO

